

CACADORES DE TROLLS



**GUILLERMO
DEL TORO**

**DANIEL
KRAUS**



CACÇADORES DE TROLLS

Guillermo del Toro
&
Daniel Kraus

ilustrado por
Sean Murray

tradução de
Edmundo Barreiros



Copyright © 2015 Stygian LLC

TÍTULO ORIGINAL
Trollhunters

PREPARAÇÃO
Mariana Moura

REVISÃO
Juliana Werneck

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

DESIGN DE CAPA
© 2015 Stygian LLC

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Sean Murray

ADAPTAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T639c

Toro, Guillermo del
Caçadores de trolls / Guillermo del Toro, Daniel Kraus; ilustração Sean
Murray; tradução Edmundo Barreiros. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
320 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Trollhunters
ISBN 978-85-8057-832-4

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Kraus, Daniel. II. Murray, Sean. III.
Barreiros, Edmundo. IV. Título.

15-25324

CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

1ª edição
impressão
papel de miolo
papel de capa
tipografia

NOVEMBRO DE 2015
GEOGRÁFICA
PÓLEN SOFT 70G/M²
CARTÃO SUPREMO ALTA ALVURA 250G/M²
JOURNAL OT

Para meus filhos e a época de sonhos e esperança.

Que dure um pouco mais.

– GDT

Para Craig Ouelette.

– DK

Eles me chamam de troll
O devorador da lua.
Gigante das tempestades.
Maldição do salão das chuvas.
Companheiro das videntes.
Bruxo que assombra a noite
E engole o firmamento.
O que é um troll, se não isso?

— *Bragi Boddason, antigo poeta do século IX*



A Epidemia das
Caixas de Leite





Você é o jantar. Esses músculos que você usa para caminhar, sorrir, abraçar? São pura carne revestida com tendões borrachudos. Essa pele que você tanto olha no espelho? É uma delícia para os paladares certos, um ensopado de textura suculenta. E esses ossos que sustentam seus movimentos e o conduzem pelo mundo? São crocantes entre os dentes, o tutano sugado e deglutido com rios de saliva garganta abaixo. Não é algo agradável de saber, mas é útil. Há criaturas lá fora, veja bem, que não se escondem em tocas, não temem ser capturadas por nós para serem assadas em nossos fornos. Criaturas com o próprio estilo de caçar, os próprios métodos, os próprios apetites.

Jack Sturges e seu irmão mais novo, Jim, nem desconfiavam de nada disso. Os dois seguiam velozes de bicicleta pelo leito seco de um canal em San Bernardino, Califórnia, cidade natal de ambos. Era 21 de setembro de 1969, um dia perfeito de uma era extinta: a luz do crepúsculo que se derramava por sobre os picos do monte Lamaceiro cobria a área leste da cidade, e os garotos ouviam o ruído dos cortadores de grama nas ruas próximas, sentiam o cheiro de cloro de uma piscina, apreciavam o sabor da fumaça de churrasco que escapava do quintal de alguém.

Os muros altos do canal os encobriam, dando-lhes a cobertura perfeita para a guerrinha de tiro. Naquela tarde, como sempre, era Victor

Power (Jack) contra o Dr. X (Jim). Desviando de pilhas de entulho, os dois lançavam raios laser um no outro com suas pistolas de plástico. Victor Power, também como sempre, estava ganhando, dessa vez graças a sua bicicleta nova: uma Sportcrest vermelho-cereja que o menino tinha ganhado de aniversário, tão nova que ainda estava com as fitas de presente amarradas. Jack fazia treze anos naquele dia, mas conduzia a bicicleta como se não fosse nenhuma novidade: subindo encostas suicidas, embrenhando-se no mato, às vezes nem segurando o guidom só para poder caprichar em um tiro.

– Você nunca vai me pegar! – gritou Victor Power.

– Vou, sim! – retrucou o Dr. X, ofegante. – Eu vou... Espera... Ei, Jack, espera aí!

Jim (ou “Jimbo”, como o irmão o chamava) ajeitou no nariz suado os óculos de lentes grossas, quebrados mas remendados com um Band-Aid. Ele tinha oito anos e era pequeno para a idade. Sua velha Schwinn amarela, além de inferior à Sportcrest, era tão grande para Jim que ele ainda andava com rodinhas. O pai tinha jurado ao menino que ele ia crescer e conseguir usá-la bem. Jim ainda estava esperando isso acontecer. Por enquanto, ele tinha que ficar de pé nos pedais, e era bem difícil atirar com precisão assim. Pobre Dr. X.

A Sportcrest passou zunindo por uma pilha de lixo. Jim veio logo depois, as rodinhas rangendo, mas desviou quando viu a caixa de leite amassada. Na lateral da caixa tinha o rosto de uma menina sorridente e o alerta de DESAPARECIDA. Jim sentiu um calafrio. Era assim que eles anunciavam crianças desaparecidas, e havia muitas delas.

Fazia um ano desde o primeiro desaparecimento. San Bernardino organizou grupos de busca, equipes de resgate. Então, outra criança desapareceu. E mais uma. Por um tempo, a cidade continuou saindo à procura de cada criança, mas a situação chegou a um ponto em que quase todo dia havia um novo desaparecimento. Os adultos não conseguiam dar conta. Para Jim, essa tinha sido a parte mais assustadora: ver

a resignação no rosto insone dos pais. Eles se renderam ao misterioso mal que estava levando seus filhos. Quando serviam leite para a família, tentavam ignorar o rosto impresso na lateral da caixa, acompanhado daquela pergunta terrível:

VOCÊ VIU ESTA CRIANÇA?

O último número que chegara aos ouvidos de Jim tinha sido o de cento e noventa crianças desaparecidas. Parecia invenção, não fossem os indícios sombrios que ele via por toda parte: a grade mais alta em torno da escola, o número maior de pais vigiando os parques, os policiais dando bronca nas crianças que encontravam fora de casa após escurecer. Fosse qualquer outro dia, não teriam deixado os dois garotos andarem de bicicleta até tão tarde, mas era aniversário de Jack e seus pais não conseguiram dizer não.

Jack não perdeu tempo, foi logo fazer uma melhoria em sua bicicleta nova: pegou o rádio portátil e o prendeu com arame ao guidom vermelho. E o ligou no volume máximo. Assim, a tarde inteira foi embalada pelas canções mais animadas do momento: “Sugar, Sugar”, “Hot Fun in the Summertime”, “Proud Mary”. Você pode duvidar que essas músicas pudessem ser a trilha sonora perfeita para as rajadas de disparos a laser trocados entre Victor Power e o Dr. X, mas foram. Se conseguisse não pensar naquelas caixas de leite, Jim estaria sentindo como se aquela fosse a melhor tarde de toda a sua vida.

Lá na frente, na bicicleta de Jack, começou a tocar “What’s Your Name?”, de Don & Juan. Era uma canção de amor – não muito o estilo de Jim –, mas por alguma razão o vocal triste capturou o clima de fim do dia. O sol estava se pondo, as aulas voltariam no dia seguinte e aquele derradeiro quilômetro de bicicleta seria provavelmente a última chama de verão, antes que o outono e a escola a apagassem como uma vela.

Jim apertava os olhos para o sol poente. Ele via o irmão à frente pedalando tão rápido que os pássaros erguiam voo para abrir caminho, prontos para aterrissar somente quando fossem migrar para o inverno no sul. Jack dava gritos de alegria, a Sportcrest deixando um rastro de folhas secas dançando no ar. Em apenas alguns segundos ele passaria por baixo da ponte Holland, um monólito de concreto e aço. Naquele momento, alguns carros cruzavam a ponte, lá no alto, mas embaixo havia apenas sombras, tão escuras e profundas que era de doer os olhos.

Jim precisava alcançá-lo. Queria chegar em casa em pé de igualdade com o irmão: como Jack e Jim Sturges, não como o sempre vencedor Victor Power e o perdedor Dr. X. Ficando de pé nos pedais, Jim passou a girá-los com toda a força. As rodinhas protestaram – *NHEC, NHEC, NHEC!* –, mas ele continuou a pedalar, desejando ter pernas mais longas e mais fortes.

Quando olhou novamente, Jack tinha sumido.

Jim viu a Sportcrest caída embaixo da ponte, a silhueta recortada contra o sol poente. O guidom estava torto e a roda dianteira ainda girava. Como estava quase na ponte e ainda a toda velocidade, Jim começou a impulsionar os pedais para trás. A Schwinn parou derrapando, a poucos metros de mergulhar nas sombras. Com os pés no chão e o quadro da bicicleta entre as pernas, o menino ficou ali parado, arfando, olhando nos cantos mais escuros à procura do irmão.

– Jack?

A roda dianteira da Sportcrest continuava a girar, como se fosse o fantasma do menino pedalando.

– Para com isso, Jack. Deixa de ser idiota. Você não vai me assustar.

A única resposta veio de Don & Juan. Distorcida pelo eco, a harmonia melosa virava um uivo assustador:

Eu estava nesta esquina,

Esperando você chegar,

Para preencher meu coraçããã-ã-ãããõ...

Com estampidos abafados, as luzes dos postes próximos se acenderam, uma após a outra, o brilho amarelo do sódio inundando o canal. A noite tinha caído: hora de encerrar a brincadeira.

– Se a gente não voltar para casa agora, o papai vai deixar a gente de castigo por semanas. Jack?

Jim engoliu em seco, desceu da Schwinn e, apertando a pistola de raio laser na mão suada, foi caminhando e levando a bicicleta até penetrar na escuridão. Estava dez graus mais frio ali. Ele estremeceu. As rodinhas, mesmo girando devagar, continuavam reclamando:

NHEC. NHEC. NHEC.

O menino chegou perto da Sportcrest. Os giros da roda dianteira estavam começando a ficar mais lentos. De repente, ele sentiu como se aquela roda fosse o coração de Jack e que, se parasse de girar, seria o fim do irmão.

O menino espiou nas profundezas da sombra insondável. Ignorando o gotejar da umidade, os passinhos apressados provavelmente de ratazanas, o ruído abafado de pneus dos carros passando acima e os gemidos funestos de Don & Juan, ele ergueu a voz:

– Anda logo, Jack! Você se machucou? É sério!

Jim se encolheu ao ouvir as próprias palavras reverberando de volta. As luzes amareladas dos postes, o céu violeta, a temperatura quente e úmida, os ecos zombeteiros do pânico... como o sonho tinha virado pesadelo tão rápido? Ele girou sem sair do lugar, olhando para uma sombra, depois outra, cada vez mais rápido, o peito arfando em um quase-choro, o rosto queimando de medo, até se dar conta da única direção em que ainda não tinha olhado.

Lentamente, Jim ergueu o rosto, ainda embaixo da ponte.

Viu escuridão. Nada além de escuridão.

Mas então a escuridão se mexeu.

Um movimento natural, quase gracioso. Enormes braços se destacaram do concreto, ajeitando o peso do corpo ali pendurado. Algo do

tamanho de um pedregulho – uma cabeça – girou, revelando olhos alaranjados como fogo. A criatura inspirou fundo, e foi como se toda aquela área sob a ponte tremesse. Então a criatura expirou, e o corpo de Jim foi soprado para trás pela força do ar pútrido exalado.

A coisa se soltou e aterrissou no chão, levantando poeira e lixo. No torvelinho de detritos, Jim viu caixas de leite, duas, três, quatro, cinco caixas, girando e rodando, sorridentes crianças desaparecidas zombando da própria morte. Quando a criatura se ergueu nas patas traseiras, como um urso-pardo, a luz dos postes se refletiu em dois chifres, que rasgaram o concreto acima. Uma boca se abriu, emitindo o brilho de enormes dentes tortos. Olhos alaranjados encararam Jim. Então, braços – musculosas e compridas serpentes cobertas de pelo emaranhado – se estenderam.

Jim deu um grito. Ali embaixo da ponte, o grito soou dez vezes mais alto, fazendo a criatura parar por um segundo. O menino aproveitou para subir na Schwinn e a ergueu do chão já pedalando. Ao passar pela bicicleta do irmão, seu pé esquerdo chutou o rádio sem querer, acabando com Don & Juan de uma vez por todas, e logo ele saiu de sob a ponte Holland, ainda gritando, as pernas bambas.

Atrás dele, o som: o galope de uma criatura colossal, correndo na direção do menino nas quatro patas, como um gorila.

Baluciando sons apavorados, Jim girava os pedais com mais força que nunca. O ranger das rodinhas virou um grito agudo, mas mesmo assim a criatura estava se aproximando. Cada passo daqueles pés monstruosos era um baque que fazia o chão tremer. A criatura bufava como um touro, e o ar expelido fedia a esgoto. A pistola de raio laser caiu das mãos de Jim; nunca mais ele sentiria a força e a astúcia do Dr. X. O rosnado atrás dele estava agora tão perto que toda a estrutura da bicicleta vibrava. As luzes dos postes projetavam uma sombra horrenda de braços tentando alcançá-lo com garras compridas e afiadas.

Jim cortou para a esquerda, saltou às margens do canal e, atravessando o mato, foi parar em uma calçada. Deu de cara com um hidrante

vermelho como a bicicleta nova de Jack — ah, Jack, Jack, o que será que tinha acontecido com Jack? Jim desviou bruscamente do hidrante e seguiu rasgando para o meio da rua. Um carro buzinou e deu uma guinada para o lado, mas Jim ignorou os gritos raivosos do motorista. Estava pedalando tão depressa quanto o irmão, finalmente aprendendo a andar de bicicleta direito. As rodinhas quebraram e saíram quicando pela rua, inúteis peças de plástico e borracha.

Avistando sua casa *bem ali*, a segundos de distância, Jim fez um último esforço naquele trecho final, o peito chiando com a respiração difícil, as lágrimas correndo horizontalmente pelo rosto. A bicicleta topou no meio-fio e foi com tudo contra a cerca branca, lançando Jim em uma pirueta no ar. O menino se espatifou no jardim, as plantas perfeitas da mãe arranhando seu rosto, os óculos partidos sem o Band-Aid.

O cachorro latia lá dentro. Jim ouviu passos, o rangido da porta se abrindo, a comoção dos pais descendo os degraus da entrada correndo. Então se deu conta de que ainda estava gritando, o que lhe lembrou a fera. Ele tateou à procura das duas metades dos óculos e as segurou diante dos olhos. Nada. Observou o jardim ao redor, as tranquilas casas de subúrbio, as caixas de correspondência, os canteiros de flores. Não havia monstro nenhum, mas aos seus pés havia uma coisa.

Um medalhão de bronze preso em uma corrente enferrujada. Uma das faces tinha gravado um emblema sinistro: um rosto horrendo paralisado em uma careta de fúria, símbolos indecifráveis de uma linguagem estranha e uma magnífica montante atravessada na parte de baixo. Com o choro subitamente preso no peito, o menino estendeu o braço para o medalhão.

— Jim! O que houve?

Era sua mãe, que se agachou e começou a limpar a terra do rosto do filho. O pai se aproximou em seguida, ajoelhou-se diante dele e o sacudiu de leve para fazê-lo despertar do transe. Os dois repetiam seu nome

sem parar: *Jim*. Como era terrível saber que ninguém mais o chamaria de Jimbo outra vez.

– Ei, garotão, olhe para mim – disse o pai. – Você está bem? Tudo certo, garotão?

– Cadê seu irmão? – O sussurro rouco da mãe sugeria que, de algum modo, ela sabia. – Jim, cadê o Jack?

Ele não respondeu, apenas se inclinou para o lado, tentando ver algo atrás do pai. Havia uma marca na grama, mas o medalhão tinha desaparecido, se é que Jim realmente o vira. Ele foi tomado por uma estranha tristeza e, mais forte ainda, uma sensação de fracasso. Desabou nos braços dos pais, chorando, tremendo e sabendo que tinha conhecido a natureza do verdadeiro medo, a dor da verdadeira perda.

Jim Sturges é meu pai. Jack Sturges era meu tio. Esta história que acabei de contar, só a conheci quarenta e cinco anos depois, quando tinha quinze anos. Foi quando descobri que tio Jack foi a última criança a desaparecer na Epidemia das Caixas de Leite, que terminou de maneira tão repentina quanto havia começado. A Sportcrest destruída se tornou uma relíquia de família; eu a vi milhões de vezes. Também aos quinze anos eu soube que meu pai passou as décadas seguintes ao episódio – toda a juventude e a maior parte da vida adulta – indo até a ponte Holland à noite, lanterna em mãos, à procura de pistas do que havia acontecido com o irmão mais velho. Ele nunca encontrou vestígio algum de Jack, a não ser as caixas de leite que, pouco depois, viriam a retratar seu rosto corajoso e atrevido junto da palavra **DESAPARECIDO**.

Desaparecido. Uma palavra perfeita para descrever meu pai nos anos seguintes.



Pelo ralo





I.

Segundo relatos contemporâneos, a histórica e decisiva Batalha das Folhas Caídas se passou nos dois minutos finais do quarto tempo do jogo que transcorria no estádio da San Bernardino High denominado Harry G. Bleeker Memorial Field. Nossas amadas Bestas-Feras de San B. venciam por apenas seis pontos, com nosso zagueiro titular fora de campo devido a uma contusão. Foi naquele evento – durante o jogo mais importante do ano – e naquele lugar – no gramado úmido de orvalho – que um bravo herói caiu e um vencedor inesperado surgiu. Até os dias de hoje, histórias sobre aquela noite alimentam os contos infantis e os sonhos de crianças de todas as eras, humanas ou não. Por isso, leia com cuidado estas páginas que você tem em mãos. Vá em frente, confie em cada palavra. Afinal, um dia você pode querer contar esta história para seus filhos.

Coisas mais estranhas aconteceram. Espere só para ver.

Meu nome é James Sturges Jr., mas você pode me chamar de Jim, assim como meu pai, e eu era igualzinho a você. Tinha quinze anos quando minha aventura começou. Era uma manhã de sexta-feira de outubro, e o despertador tocou no horário cruel de sempre. Não dei atenção; já tinha aprendido a dormir com aquele barulho. Mas, infelizmente, Jim Sturges Pai tinha o sono mais leve do mundo. Bastava soprar

um vento mais forte que ele já despertava, e aí ele ia ao meu quarto ver como eu estava e me acordava também. Talvez fosse por causa do que aconteceu com o irmão mais velho dele, Jack. Esse tipo de coisa deixa a gente meio assim.

Ele entrou e desligou o despertador. O silêncio que se seguiu foi ainda pior, porque eu sabia que ele estava ali parado olhando para mim. Meu pai sempre fazia isso. Como se mal pudesse acreditar que eu tinha sobrevivido a mais uma noite. Entreabri os olhos. Ele usava uma camisa social apertada demais, suja no colarinho, e estava tentando abotoar o punho esquerdo, coisa que fazia todo dia de manhã até desistir e pedir minha ajuda.

Ele parecia velho. Ele *era* velho. Mais velho que os pais de quase todos os meus amigos, graças às rugas que se irradiavam a partir dos cantos dos olhos, às sobrancelhas grossas e bagunçadas, aos ouvidos cheios de pelos e à careca quase completa. Sem contar a postura curvada que eu não via em outros pais, embora isso provavelmente não tivesse a ver com a idade. Acho que era outra coisa que o abatia.

– Um novo dia começa!

Ele não parecia muito animado com o novo dia. Nunca parecia.

Sentei na cama, e meu pai resolveu assumir o comando das persianas eletrônicas. Ele sacou os óculos do bolso, quebrados e remendados com um Band-Aid, como sempre, e franziu os olhos para enxergar o teclado numérico. Depois de digitar os sete algarismos, deu um puxão para cima, e os painéis de aço subiram como uma sanfona, revelando o dia ensolarado.

– Nem adianta – resmunguei. – Só vou ter o trabalho de fechar de novo quando a gente sair.

– O sol é importante para garotos em fase de crescimento.

Mas ele não parecia acreditar nisso.

– Eu não estou em fase de crescimento. – Em termos de altura, eu tinha puxado meu pai, portanto continuava esperando aquele estirão de crescimento de que todo mundo fala. – Na verdade, acho que estou encolhendo.

Ele insistiu mais um pouco no botão do punho esquerdo e depois se dirigiu à porta.

– Acorda para o dia! – exclamou ele. – O café da manhã também é importante.

Mas também não parecia acreditar nisso.

Depois de tomar banho e me vestir, encontrei meu pai exatamente onde eu esperava: parado na entrada da sala, junto ao altar do tio Jack, acima da lareira elétrica. Chamo aquilo de altar porque não vejo palavra melhor. Cada centímetro da prateleira era coberto de lembranças de Jack. Fotos dele na escola, claro: Jack no jardim de infância, muito sorridente com uma camiseta do Zorro; Jack no segundo ano do fundamental, exibindo alegremente a ausência de vários dentes de leite; Jack no quinto ano, exibindo com muito orgulho um olho roxo; e Jack no oitavo ano (o último Jack), bronzeado e saudável, com um ar de quem está pronto para conquistar o mundo.

Os outros objetos do altar eram meio esquisitos. Um deles era a buzina da Sportcrest de Jack, salpicada de ferrugem. Havia também o rádio da bicicleta, um aparelho desengonçado com uma antena retorcida, que tinha tocado uma música pela última vez em 1969. E coisas que tinham valor sentimental apenas para meu pai: um relógio de pulso quebrado, um indiozinho de madeira, um pedaço pequeno de ouro de tolo. O mais perturbador de tudo, no entanto, era o que ficava bem no centro do altar: um recorte emoldurado de uma caixa de leite com o rosto de Jack, uma reprodução em preto e branco da fotografia dele no oitavo ano.

Papai viu meu reflexo no vidro.

Forçou um sorriso.

– Oi, filho.

– E aí, pai.

– Só estava... dando uma limpadinha aqui.

Não tinha nenhum produto de limpeza por perto, nenhum pano.

– Claro, pai.

– Quer comer?

– Pode ser. Tudo bem.

– Muito bem, então.

Ele forçou ainda mais o sorriso falso.

– Vamos preparar o café da manhã.

Preparar o café da manhã significava tomar cereal com leite gelado. Houve uma época em que realmente preparávamos uma refeição matinal, antes de mamãe se cansar das inseguranças de papai e ir embora. Ele estava fazendo o melhor que podia, tentei me convencer. Ficamos sentados à mesa um de frente para o outro, mastigando e engolindo, cada um olhando para a própria tigela. De vez em quando papai lançava um olhar de relance para a sala, conferindo se as persianas estavam bem fechadas. Suspirei e botei mais leite na minha tigela. Leite de garrafa. Papai nunca comprava o de caixinha.

Ele não parava de olhar o relógio, até que me senti culpado e joguei fora o resto do meu cereal. Enquanto papai esperava ao lado da porta de casa, corri até o quarto, vesti o casaco, joguei a mochila nas costas e digitei a senha para trancar as persianas. Só quando cheguei ao lado dele é que meu pai começou o processo de abrir a porta.

Era um ritual que eu já conhecia de cor. A porta tinha dez trancas, uma mais elaborada que a outra. Enquanto ele puxava travas, girava chaves e removia correntes, eu acompanhava aos sussurros o mesmo solo de percussão que ouvia fazia quinze anos: *clique, claque, tlim, plaque, tec-tec-tec, plunk, tunc, fuussh, claque-clique, plomp*.

– Jimmy? Jimmy!

Levei um susto e olhei para papai. Ele estava parado à porta, parecendo vulnerável naquela camisa que não caía bem, uma das mãos na barriga – sua úlcera atacava no mesmo horário de sempre. Eu queria ser compreensivo com meu pai, mas ele estava fazendo um monte de gestos impacientes para mim.

– Saia logo, senão os sensores de pressão vão disparar. Vai, vai, vai!

Dei de ombros como que para me desculpar e passei por ele em direção ao jardim. Ouvi os ruídos eletrônicos do sistema de alarme sendo armado, seguidos pela voz feminina computadorizada: “Cômodos esvaziados. Alarme ativado.” Papai deu um suspiro de alívio, como se tivesse medo de um resultado diferente daquele, depois fechou as trancas físicas externas e saltou os degraus, que também tinham sensores. Quando ele aterrissou ao meu lado, notei que as mechas de cabelo acima das orelhas estavam úmidas de suor.

O pobre velho estava sem fôlego; não tinha mais condições para lutar contra seus demônios internos, que àquela altura haviam atingido o tamanho de dragões. Seu peito subia e descia, chamando minha atenção para a capa de calculadora enfiada no bolso da camisa. Era uma capinha toda em vinil, que carregava o logo da San Bernardino Eletrônicos. Diz a lenda que papai inventou o Bolso de Calculadora Excalibur, usado por nerds da tecnologia pelo mundo inteiro, mas ele negava. Minha teoria era de que seus superiores o tinham sacaneado e roubado o crédito pelo produto. É o que acontece com sujeitos como Jim Sturges Pai. Eu me sentia um lixo quando pensava nisso.

Cruzamos o jardim, papai ao meu lado como um segurança. A câmera da porta nos acompanhou, zunindo. Seus pés se embaralharam nos meus, e notei que suas meias, como sempre, estavam manchadas de verde. Como não ganhava promoções nem bônus no trabalho, papai complementava a renda aparando gramados nos fins de semana: parques municipais, cemitérios, até o campo de futebol da escola. Por isso, estava sempre vestido que nem um maluco, com óculos de segurança e luvas. Isso me tornava ainda mais popular na escola, pode acreditar. Ele me empurrou com a mão cheirando a grama.

– Você vai acabar perdendo o ônibus, Jimmy. E, se você perder o ônibus, vou ter que levá-lo à escola, e aí vou chegar atrasado ao trabalho.

– Eu não posso simplesmente ir a pé?

– Você sabe como foi difícil organizar meu horário para nós dois podermos sair ao mesmo tempo. O patrão armou um inferno na minha vida, Jimmy, um verdadeiro inferno.

– Não precisava. Só bebês vão de ônibus.

Ele me lançou um olhar severo.

– Cuidado nunca é demais. Meu irmão, Jack, por exemplo. Tão independente. Tão impetuoso. Ele me dizia: “Jimbo, *nada* pode me machucar.” E veja o que aconteceu, mesmo ele sendo...

Recitei junto com papai:

– ... o garoto mais corajoso que você já viu.

Papai se dirigiu à van da San Bernardino Eletrônicos (ou “o veículo mais seguro de San Bernardino”), que ele também usava para levar o equipamento de jardinagem, e suspirou. O punho desabotoado de sua camisa estava sobrando da manga do paletó. Ele bem merecia ir para o trabalho daquele jeito, já que não me deixava crescer e fazer coisas simples como ir sozinho à escola.

– E era mesmo – disse papai após alguns segundos.

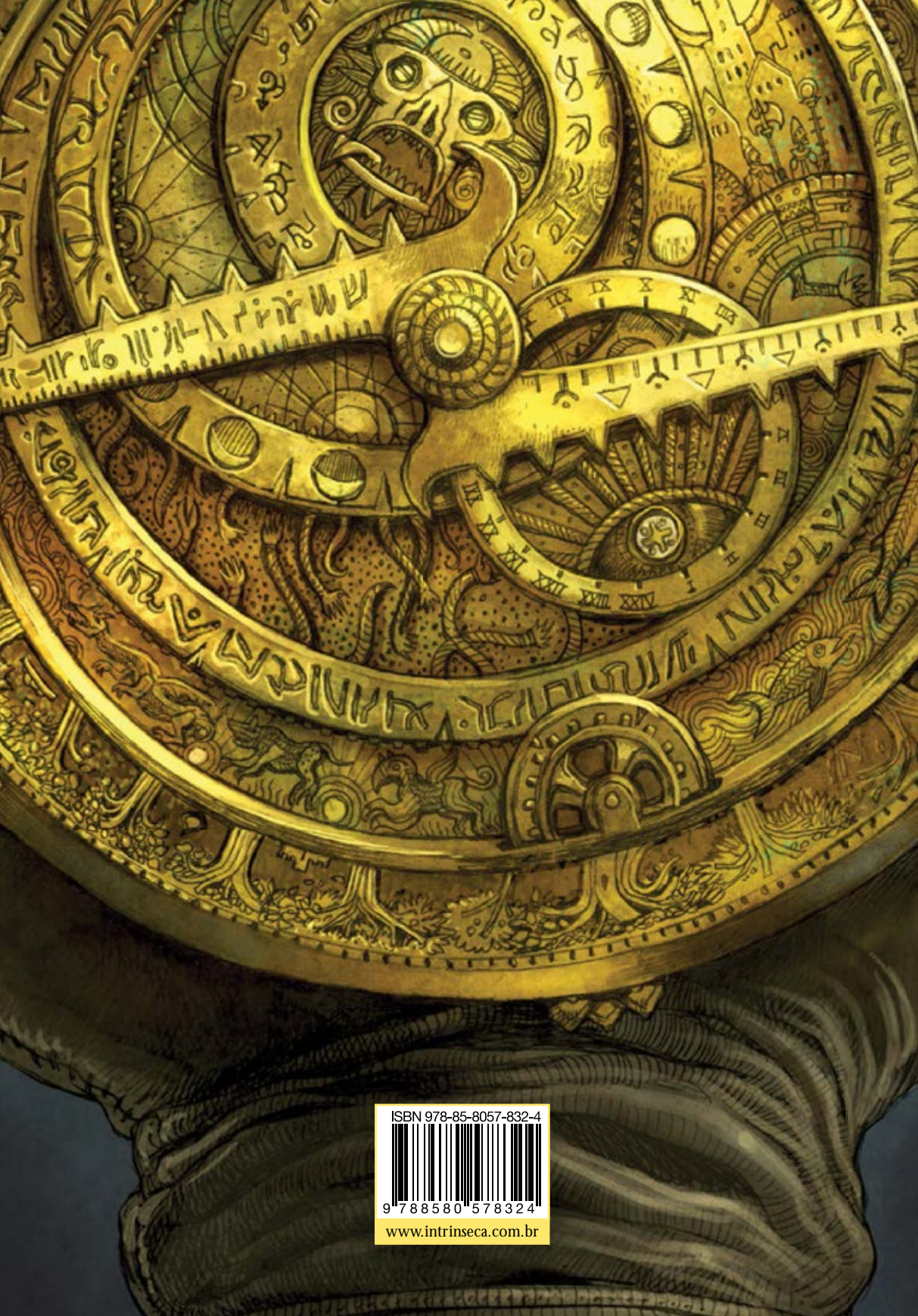
Papai foi abrir a van. Fiquei chutando o chão. Ele tinha razão: o ônibus estava chegando. Pelo barulho, devia estar na Rua Maple. Eu teria que correr para alcançá-lo, mas aquele botão me impedia. Só conseguia imaginar os caras mais novos do trabalho do meu pai rindo do sujeito desengonçado e aflito, com óculos remendados com Band-Aid, que usava o Bolso de Calculadora Excalibur como se fosse uma medalha de honra. Uma vítima na família era suficiente.

Fui até a lateral da van, puxei a manga da camisa de papai e, com alguns movimentos rápidos, fechei o botão. Dei um sorrisinho tímido. Ele ficou me olhando através das lentes sujas dos óculos.

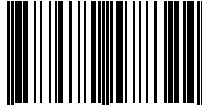
– O ônibus, Jimmy.

Suspirei.

– Já vou, pai.



ISBN 978-85-8057-832-4



9 788580 578324

www.intrinseca.com.br